



LUANG PÓ LIEM THITADHAMMO

UMA BIOGRAFIA

LUANG PÓ LIEM THITADHAMMO

UMA BIOGRAFIA

Tradução: Flávio Silva
Revisão: Mudito Bhikkhu

O texto desta biografia foi extraída do livro “No Worries” composto pela Sangha de Wat Nong Pah Pong e publicado por Aruna Publications. Esta tradução foi feita sob permissão dos autores exclusivamente para distribuição gratuita.

Para mais informações, contate:
Aruna Publications, Aruna Ratanagiri Buddhist Monastery
2 Harnham Hall Cottages, Harnham, Belsay,
Northumberland NE20 0HF UK
www.aruno.org

ÍNDICE

Experiências no início de vida.....	1
Ordenação como noviço.....	3
Ordenação e prática do Dhamma como monge.....	5
Prática de Luang Pó após sua Chegada a Wat Pah Pong.....	17
Os anos em Wat Pah Pong.....	26
Glossário.....	35

EXPERIÊNCIAS NO INÍCIO DE VIDA

Luang Pó Liem (nome de nascença: Liem Chantam) nasceu em uma família acolhedora e amigável em meio à névoa matinal da natureza, sobre os vastos arrozais e florestas da região Nordeste da Tailândia para viver a simples vida interiorana de um fazendeiro comum. Ele nasceu no dia 5 de novembro de 1941, numa quinta-feira, o terceiro dia da lua crescente do décimo segundo mês no Ano do Dragão. Seu lar era Bahn Kog Jahn, Tambon Tung Chay, Amphet Utumpónpisay, província de Sri Saket. Ele tinha duas irmãs mais novas, um irmão mais novo, um irmão mais velho e uma irmã mais velha. Muitos anos mais tarde, sua irmã mais velha e sua mãe, Chi Béng, se tornariam monjas em Wat Nong Pah Pong, monastério do qual Luang Pó Liem seria abade. Seu pai se chamava Peng Chantam.

A família de Luang Pó era muito quieta. A ponto de, como raramente falavam com os vizinhos ou mesmo entre eles próprios, adquirirem em seu povoado uma reputação de serem um pouco excêntricos. Quando alguém os encontrava, eles davam um largo sorriso, mas se abstinham de conversa casual, reservando suas palavras para ocasiões muito preciosas. A vida no Nordeste da Tailândia era, à época, muito mais dura que hoje em dia. Todos os membros da família de Luang Pó eram bem versados em suas várias responsabilidades na fazenda: o cultivo dos campos, a jardinagem e o cuidado com as vacas e búfalos. Na escola local do povoado, Luang Pó estudou até a quarta série. Conforme crescia, ajudava seu pai e mãe com a lavoura, cuidado das ferramentas e carroças.

Aos dezessete anos, Luang Pó deixou os confortos e modos de vida familiares de seu lar para buscar experiências de trabalho em outras regiões da Tailândia, viajando ao Sul para as províncias de Chonburi e Trang. Ao longo de sua juventude, Luang Pó foi conhecido como uma pessoa que amava a tranquilidade, sempre naturalmente inclinado a ser circunspecto e refinado em suas ações. Ele jamais bebia e tampouco jogava. Ele teve alguns relacionamentos com mulheres, algo normal para sua geração, mas nada excessivo demais, a ponto de lhe trazer problemas.

Quando Luang Pó deixou o ambiente familiar de seu povoado natal, entrou em contato com um mundo que lhe pareceu bastante desagradável. Viu que seus

novos colegas estavam interessados em levar um estilo de vida extravagante e indulgente. Por exemplo, conheceu muitas pessoas que tinham vontade de comer carne de animais grandes, como vacas ou búfalos. Tendo crescido em uma família que comia somente animais pequenos – um costume que eles ainda mantêm – ele considerava isso asqueroso e moralmente repulsivo.¹

Na província de Trang, ao Sul da Tailândia, Luang Pó trabalhou para uma família muçulmana. Para sua surpresa, seu chefe não se importou com o fato de que ele era um budista e afetuosamente acolheu Luang Pó sob seus cuidados, tomando conta dele como se fosse seu próprio filho. Ele até deixava Luang Pó participar de várias cerimônias islâmicas e não dava atenção ao fato de que, em termos mundanos, Luang Pó vinha de uma família de etnicidade, crença e nível socioeconômico diferente. Com base nessa experiência com muçulmanos em sua juventude, Luang Pó contemplou que, embora a cultura e a experiência de algumas pessoas possam parecer diferentes ou exóticas em comparação às nossas, não há nada de errado com outras crenças contanto que elas promovam virtudes morais e *“qualidades espirituais que possibilitem às pessoas o estabelecimento de confiança e respeito em relação às outras”*. Quando Luang Pó solicitou a seu chefe permissão para voltar para casa com o intuito de novamente ajudar seus pais, o chefe pôs-se a chorar e não queria deixá-lo partir.

1 Na Tailândia, especialmente nas áreas mais pobres ao Nordeste, a crença é de que um animal maior tem uma consciência mais desenvolvida do que um animal menor e que, portanto, é considerado moralmente mais repreensível matar um ser maior do que seres menores, como peixes e insetos.

ORDENAÇÃO COMO NOVIÇO

Mas ocorreu que, quando Luang Pó tornou à sua casa, não voltou à lavoura. É costume entre os jovens homens do Nordeste da Tailândia (e da maioria do país, embora esta tradição tenha desvanecido consideravelmente nos últimos tempos) ordenar-se como monge budista, alguns temporariamente, alguns para toda a vida, com o intuito de continuar sua educação, aprender e praticar os ensinamentos do Buddha de maneira mais sincera e, de forma geral, ganhar maturidade para se tornar um membro mais valioso da sua família e sociedade. Luang Pó decidiu ordenar-se noviço quando tinha dezenove anos, com o intuito de já estar bem treinado no *Dhamma-Vinaya* ao completar vinte anos, quando teria idade o bastante para receber ordenação completa como *bhikkhu*.

Luang Pó chegou ao mosteiro de aldeia de seu povoado natal, Wat Bahn Kog Jahn, no dia 12 de maio de 1960. No curto período de apenas duas semanas, enquanto se preparava para sua ordenação como noviço no dia 28 de maio, ele memorizou completamente todos os cânticos monásticos tradicionais (um feito que leva anos para alguns monges), exceto os cânticos para funerais. E, coincidentemente, em seu primeiro dia como noviço, houve um funeral em seu templo.

Luang Pó, extremamente chateado de não poder recitar junto aos outros nos serviços para o falecido, começou a memorizar esses cânticos auspiciosos enquanto se ocupava de preparar água para o banho de seu professor. Justamente quando a panela de água começou a ferver, ele terminou de aprendê-los, o que lhe permitiu participar dos serviços fúnebres com os demais monges.

Em Wat Bahn Kog Jahn, à época, haviam dezenove monges completamente ordenados e outros nove noviços que haviam se ordenado junto com Luang Pó. Uma das tarefas diárias dos noviços era buscar água no poço para beber e banhar. Àquele tempo, o povoado ainda não estava bem desenvolvido, e eles tinham que andar um quilômetro e meio até o poço e voltar a mesma distância carregando a água – uma viagem que totalizava três quilômetros.

A respeito das práticas de Luang Pó enquanto noviço, ele conta suas experiências ao enfrentar o medo de fantasmas e da morte quando foi a um cemitério:

“Já quando era um noviço eu me esforçava em ir contemplar cadáveres. À época, eles frequentemente traziam cadáveres ao cemitério para serem enterrados ou cremados. Dizia-se que o lugar era repleto de fantasmas. Eu tentava encarar isso. É claro que ficava amedrontado. Persuadir-se a ir a um cemitério não é fácil, é muito difícil. Quando ia, não havia ninguém com quem eu pudesse contar porque ia quando o lugar estava tranquilo e solitário, frequentemente quando já estava escuro.

Quando ia, sempre sentia uma mistura de coragem e pavor. Às vezes, havia cães à procura de restos de comida. Se os cães me viam, eles também se assustavam. Eles fugiam imediatamente. Meus pelos todos se arrepiavam, e eu tinha vontade de gritar. Mas não podia. Eu tinha que vencer isso. Parecia que meu corpo estava pegando fogo. Eu mal podia acreditar. No fim das contas pensava: ‘Se tiver que morrer, morrerei.’ pensava assim repetidamente. Embora dissesse a mim mesmo que não havia fantasma algum, apenas cães procurando comida, continuava assustado. Por todo o lugar havia medo. Pensava que se eu permanecesse tempo suficiente o medo talvez recuasse, mas não era tão simples. Assim que o medo estava prestes a se dissolver ele voltava ainda pior.

Neste tipo de experiência se tem pavor de tudo. É obvio que estamos iludidos, mas, em uma situação desconhecida como essa, os sankhāras facilmente assumem o controle, nos enganando e ludibriando até ficarmos apavorados.

Então lá estava eu, cheio de medo, sem saída. Finalmente disse a mim mesmo: ‘Aqui estamos nós, apavorados. E daí? Eu aceito isso. É só medo! Morte... e daí? Morrerei!’ Foi assim que finalmente enfrentei o medo, muitas vezes, repetidamente. No entanto, o medo não diminuiu completamente. Ele ainda estava lá; mas não se pode dizer que é ruim ter medo assim. É bom de certa maneira pois ele te deixa alerta. Então eu o aceitei, pensando: ‘Está bem, aceitarei completamente o medo, ficarei com o medo. Eu não tenho que estar em qualquer outro lugar senão com este sentimento de medo.’”

Na estação chuvosa, Luang Pó estudou *Nak-Thamm Tri*, o primeiro nível dos exames nacionais de escrituras do Dhamma. Ele também aprendeu a ler e escrever a caligrafia antiga, específica para a escrita dos textos budistas que eram usados para dar sermões ao fim o retiro de chuvas (ver glossário). Luang Pó sempre defendeu que o estudo e a educação são oportunidades preciosas de elevar o conhecimento a um nível mais alto. À época, livros e instalações para estudo eram de várias formas precários e em geral cabia a Luang Pó achar meios para adquirir conhecimento por si mesmo. Sempre que possível e adequado, Luang Pó se aplicava em seus estudos com diligência.

ORDENAÇÃO E PRÁTICA DO DHAMMA COMO MONGE

No dia 22 de abril de 1961, Luang Pó recebeu ordenação superior como um *bhikkhu* em Wat Bahn Kog Jahn. Apenas cinco dias após sua ordenação, ele se despediu de seu *upajjhāya*, Phra Kru Tahvarachayakut, porque ele sentia que haviam muitas distrações surgindo por viver tão próximo de seus irmãos, irmãs, amigos e parentes, e inevitavelmente testemunhando toda a felicidade e sofrimento de suas vidas. Luang Pó então foi viver com Luang Pu Gao Mahāpañño (Phra Kru Mongkonchayalag) em Wat Bahn Jahn Sén Chay, em outro povoado de seu distrito natal. Lá ele continuou seus estudos pelos próximos dois anos. Durante esse período, também entalhou três pequenas estátuas do Buddha, uma delas feita de madeira de sândalo. A pedido de Luang Pu Gao, o Buddha de sândalo foi mantido em um local de honra, e até hoje os habitantes de Bahn Sén Chay ainda o reverenciam como um objeto sagrado, guardião de seu distrito.

Luang Pó contou sobre suas experiências e motivações durante sua prática como um novo monge da seguinte maneira:

“Quando recém-ordenado, tentava praticar qualidades como renúncia, deixar que as coisas se fossem, deixar as coisas chegarem a um fim e se tornarem vazias. Não é correto se ordenar somente para poder vestir os mantos e ganhar o status de monge. Nós realmente precisamos progredir seguindo os passos do Buddha. Nos ordenamos como bhikkhus com a intenção de remover e abandonar nossos desejos e kilesas.

Quando olhava para minha prática, ela ainda me parecia insuficiente. Por vezes conseguia realizá-la, por vezes não. Isso ocorre quando não se tem certeza sobre si mesmo. Às vezes, tudo o que podemos fazer é reconhecer em que tipo de estado nos encontramos. Chamamos isso de prática, mas é, em verdade, imaturo demais e insuficiente demais de diversas maneiras.

Mesmo durante meu período como noviço, havia lido sobre os padrões de conduta na vida monástica; por exemplo, o que fazer à noite, ao longo do dia e de madrugada. Eu me perguntava o que ‘sentar em meditação’ ao longo da noite significava. Sentar é simplesmente sentar, não é? Eu não sabia o que significava ‘sentar em meditação’.

Eu lia as biografias do Buddha e seus discípulos que eram chamados ‘aqueles que conseguiram se desfazer dos grilhões’, se livrar de dukkha, acabar com todo o sofrimento, insatisfação e tensão no coração’, mas, ao olhar para mim mesmo, ainda me sentia sem esperança. Eu havia me ordenado de acordo com os costumes e tradições da minha terra natal, onde pensamos que, quando se nasce homem, deve-se ordenar e estudar. Essa é a razão real pela qual jovens se ordenam. Eu havia lido em um livro que, ao se tornar monge, é necessário praticar para descobrir algo sobre si próprio, mas minha vida monástica parecia como se ainda não houvesse começado a praticar isso. Eu apenas fazia minhas tarefas ao servir e ajudar meus veneráveis professores. Embora tentasse praticar, a prática que eu realizava era muito ampla. Descobrir como capturar o ponto correto estava além do meu nível de sati, mas, ainda assim, estava comprometido o bastante para ver que, como já havia me tornado um monge, praticar era a coisa apropriada a ser feita, e eu deveria tentar achar oportunidades para isso.”

Luang Pó lembrou-se que a palavra “Phra” (“venerável monge” em tailandês) era geralmente traduzida como “pessoa excelente”. Mas ele se sentia sem esperanças – ainda não havia obtido qualquer coisa que pudesse ser chamada de “excelente” em sua vida monástica. Toda sua maneira de pensar ainda era aquela de um leigo e, em geral, ele ainda deleitava no contato com prazeres dos sentidos.

Luang Pó compartilhou as reflexões que o ajudaram a atravessar o período de dúvidas que experienciou como monge recém-ordenado:

“Em nossa prática, como acabamos de plantar nossa árvore, não podemos fazê-la florescer e dar frutos imediatamente. Precisamos depender um pouco do tempo. É natural. É impossível que a perfeição surja instantaneamente. É natural depender da ação do tempo.

Quando comecei a vestir o manto monástico, não sabia nada. Mesmo após um certo período como monge, a tendência ainda era a de voltar aos trilhos antigos, porque, dentro da minha mente, ainda era um leigo.

Ao portar o manto monástico, recebem-se demonstrações de respeito de todos os lados, mas ainda se pensa como um leigo, com pensamentos impuros e sujos. Transformar nossas maneiras de pensar não é possível até que desenvolvamos hábitos novos. Mesmo após quatro ou cinco anos, o jeito antigo de pensar ainda pode estar lá. É como ter poeira nos olhos.

-
- 2 *Isto é, se livrar de contaminações ou traços negativos de caráter. Se livrar dos primeiros três dos dez grilhões significa atingir o estágio de iluminação ‘entrada na correnteza’. A destruição de todos os dez grilhões significa completa iluminação.*

Viver no mundo sensorial é viver em meio a desafio e provocações constantes. Às vezes, não conseguimos lidar com isso. Mas sabemos que devemos fazer o esforço. De outra forma, quando as pessoas vêm e nos demonstram respeito, sentimos que não o merecemos. Começamos a nos questionar: ‘Qual meu real valor? Por que sou tão baixo e vulgar? Por que sou assim tão grosseiro?’

Uma maneira hábil de lidar com a dúvida é relembrar a vida do Buddha e seus discípulos. Isso traz muita inspiração. Lembre-se que até para o Buddha não foi fácil deixar a vida mundana. Ele teve que enfrentar muitas dificuldades até finalmente transformar seus pontos de vista antigos. Seu esforço e dedicação à prática, inclusive todas as práticas ascéticas, levaram muito tempo. Então, se por vezes voltamos a agir como leigos, tudo bem. Isso acontece – comigo também acontecia. Pensamos: ‘Oh, sou um caso perdido...’ Às vezes até nos criticamos duramente e nos menosprezamos. Mas, na verdade, pensar desta maneira não é nada além de pensar. São sankhāras surgindo. Assim sendo, por que ceder ao ódio e à raiva desta maneira?”

Luang Pó passou seus dois primeiros retiros de chuvas em Wat Bahn Jahn Sén Chay, estudando e treinando com Luang Pu Gao, que também preparou Luang Pó para o próximo nível das provas de *Nak-Thamm*, nas quais Luang Pó passou em 1962.

Durante as noites em Wat Bahn Séng Chay, Luang Pó praticava meditação sentada ou andando. Após meditar continuamente desta maneira por algum tempo, ele pôde ver os benefícios de sentar em meditação. Ele estava começando a desenvolver consciência e compreensão das condições externas e internas, dele próprio e de seus estados mentais, e de como combater as várias *kilesas* e desejos que podem surgir na mente. Quando ele sentia desejo e afeição por mulheres, ele usava a reflexão de *asubha kammattḥāna* como um antídoto, o que lhe trazia algum alívio.

*“A respeito do estudo das escrituras, eu estudava e também ensinava aos outros durante este período. O que já foi gravado na memória pode ser utilizado ao ensinar os demais. Dessa maneira, podemos ajudar uns aos outros. Quando eu havia terminado as provas de *Nak-Thamm*, não havia mais o que estudar, então eu desenvolvia minha prática de meditação. À época, também comecei algumas das práticas de *dhutanga*; por exemplo, sair diariamente em mendicância ou comer apenas uma refeição ao dia. Às vezes, ao sair para pedir comida recebíamos apenas arroz puro. Não havia nada para acompanhá-lo. A única opção era ser comedido. Eu não pensava se isso era benéfico ou não, simplesmente praticar paciência e*

resistência me parecia bom o suficiente. Afinal, o próprio Buddha mantinha a prática de sair em mendicância, então, seguindo seus passos, por que não fazer o mesmo? Se foi bom para o Buddha, também deve ser bom para nós. Quando treinamos continuamente com essas práticas, em certo ponto ganhamos energia. Embora o corpo possa não ter tanta força, o coração e a mente ganham mais e mais vigor.

A prática não se trata de se cansar ou se exaurir, mas é uma questão de fé – testar seu corpo físico e sankhāras em termos de resistência. Eles conseguem aguentar circunstâncias que não são de todo gratificadoras? Que resposta ou reação ocorre? Deixando de lado todos os aspectos mentais, conseguimos aguentar os efeitos físicos? Se encararmos circunstâncias nas quais há uma severa falta de comida, devemos ser capazes de passar sem. Essas práticas de resiliência não são algo grandioso ou especial por si mesmas, elas são meramente um teste para ver o que se consegue aguentar. Consegue-se aguentar fome ou sede? Consegue-se aguentar a fadiga? Geralmente, após resistir a sensações de fome ou cansaço pelos primeiros dois ou três dias de um jejum, quando se chega ao quarto ou quinto dia, essas sensações desaparecem e o corpo se sente leve. Praticar resiliência não é inútil. É, em verdade, algo muito benéfico para que possamos estudar nossas próprias sensações e nossa capacidade de tolerá-las.”

Em Wat Bahn Jahn Sén Chay, quando um monge queria realizar práticas especiais a respeito de comida, ele deveria primeiro informar o professor, Luang Pu Gao. Luang Pu então o lembraria, “Não fazemos estas práticas com o intuito de se excibir, mas em reverência e louvor ao Buddha, que de fato sugeriu e ensinou estas práticas. Devemos experimentá-las de alguma forma e segui-las. Além disso, manter algum ou todas as treze dhutangas motiva nossos colegas monges que ainda não tentaram praticá-las.”

Após a passagem do segundo retiro de chuvas de Luang Pó, o período que ele originalmente planejava ser monge havia terminado. Ele ponderou minuciosamente se continuaria como monge ou se retornaria à vida de leigo. Eventualmente ele decidiu não abandonar o manto, refletindo sobre o fato de que o ensinamento do Buddha é muito profundo e refinado, bem fundamentado e – tanto para sua própria existência como para a dos outros – muito útil. Seria, então, algo sábio construir uma base mais forte de compreensão deste ensinamento através de mais estudo, educação, prática e treinamento.

Nos anos seguintes (de 1963 em diante), Luang Pó Liem foi praticar em diversos lugares. Ele não conseguia ficar em um lugar por mais de um ou dois anos. Conforme ele ia ficando em um lugar específico, percebia que se tornava mais

negligente e desconfortável em relação à sua prática e, conseqüentemente, se mudava para mosteiros diferentes, até chegar a Bangkok. Eventualmente, ele passou a estação chuvosa em Wat Séng Sawang em Prachinburi, onde sua prática correu muito bem. Ele vivia no campo de cremação de cadáveres e portanto, tinha muitas oportunidades de refletir sobre a morte, como relatou:

“De tempos em tempos eu me esforçava a ir olhar cadáveres que seriam enterrados ou queimados. Antigamente, na Tailândia Central, cadáveres eram mantidos por muito tempo, e não se injetavam preservativos. Às vezes os cadáveres eram mantidos por mais de uma quinzena. Realmente, era algo que valia a pena ver. O caixão estava aberto e você conseguia dar uma longa olhada. Todas as cores eram opacas e pálidas, os cadáveres estavam inchados, malcheirosos e vazando líquidos. De onde vinham tantas moscas, eu não sabia.”

As impressões que surgiam ao olhar cadáveres ajudavam Luang Pó tanto a refletir sobre a morte como a combater o desejo sexual. Estando ainda jovem, ele tinha que confrontar os obstáculos comuns que um monge inevitavelmente deve encarar em relação aos membros do sexo oposto.

Ademais, haviam outros obstáculos por conta da falta de familiaridade com o novo ambiente físico ao redor. Durante a estação chuvosa, ele determinou que seguiria uma certa rota para pedir comida ao longo dos três meses. No início da estação chuvosa, o tanto de água acumulada nos campos e estradas não era ainda muito grande, mas, conforme a estação progredia, as chuvas se intensificavam. Eventualmente, sua rota de mendicância e a área ao redor dela ficaram completamente inundadas, ao ponto de ser impossível sequer achar o caminho para sua rota. Todo dia, ao retornar ao mosteiro, ele e seu único conjunto de mantos estavam completamente encharcados. Em alguns dias, ele tinha que carregar sua tigela de esmolas em cima de sua cabeça, porque a inundação, em alguns pontos de sua rota, atingiam a altura do pescoço. No entanto, por conta de sua resolução firme de nunca faltar à ronda de mendicância e manter a tradição dos Buddhas, ele sentia que era impossível não ir. Então, quaisquer que fossem as condições físicas, havendo o que quer que fosse, ele ia, todos os dias. Não importando o quão digno de pena ele parecesse aos leigos do povoado local, ele não desistiria e rescindiria seu compromisso com a manutenção desta prática de *dhutanga*.

Durante este ano, ele sentiu grande inspiração em sua prática. Em algumas noites, ele praticava meditação andando em volta de uma antiga estupa que fora construída por pessoas de outra era. De acordo com registros históricos, esse monumento era o local de muitos arrebanhamentos de elefantes e cerimônias sacrificiais. Há muito tempo abandonado e agora rodeado apenas por arrozais e fazendeiros regionais, o templo agora havia sido reconstruído como um mosteiro e oferecia um ambiente inspirador para que Luang Pó continuasse a desenvolver seu diligente esforço na prática.

Ainda assim, o único problema no qual todos os seres ainda não iluminados inevitavelmente se encontram presos é o desejo, particularmente a maneira de se relacionar com membros do sexo oposto. É natural para um jovem monge se perder nessas questões. Durante os anos iniciais da vida monástica, esse é um obstáculo que sempre dá um jeito de surgir, não importando o quão devoto e diligente seja o monge em sua prática. Naturalmente, Luang Pó também teve de enfrentar esse desafio, como relatou:

“Eu olhava todos os estados mentais que surgiam na minha mente. Descobria às vezes que gostava de certa pessoa e, apenas um momento depois, sentia aversão. Jovens homens e mulheres realmente agitam uns aos outros, mas, na verdade, é assim que gostamos. Pode-se chegar ao ponto onde não há mulher alguma que não achemos bela. Elas são todas belas demais. Olhar para homens não faz surgir uma fração da atração e não carrega nossos corações tanto quanto olhar para mulheres. Algo realmente toma conta de nossas mentes. Se olharmos para isso de uma perspectiva neutra e imparcial, não deveria haver tanto efeito assim. Mas essa atração certamente ocorre, especialmente se não se cultiva a prática.

Quanto a mim, eu não sabia como poderia viver como monge com pensamentos desse tipo. Me preocupava com como me sentia, e, quanto mais estudava o Dhamma-Vinaya, mais começava a ver minhas próprias limitações. Toda vez que estudava a vida e conduta do Buddha ou de seus nobres discípulos, me sentia mais e mais como um caso perdido. Eu refletia sobre a símile dos quatro tipos de flor de lótus e pensava que eu, com certeza, deveria pertencer ao grupo que está ainda totalmente imersa na terra e na lama. Eu sentia que estava em um estado de grande perigo, mas, mesmo se conseguisse passar desta situação, me perguntava se jamais conseguiria florescer. Ou apenas afundaria para virar comida dos peixes e tartarugas abaixo? Eu me sentia totalmente incerto.

Não obstante, a coisa à qual me apoiava era a fé. Quando me lembrava novamente da vida do Buddha, o desejo de realmente me dedicar à prática surgia. Eu queria treinar, tentar e

conhecer as coisas por mim mesmo, embora tivesse a consciência de que minhas atitudes e modo de pensar ainda eram essencialmente aqueles de um leigo. Sempre que nimittas surgiam, eram cenas da vida leiga, não visões de um monge.

Então, naquele ano me sentia motivado de fato, mas minha mente certamente não estava livre de kilesas. Na verdade, isso era bom, pois assim era obrigado a conjurar ainda mais dedicação e resolução nos meus esforços com o intuito de superar os obstáculos e desafios que surgiam a partir de desejos sensuais.

Certamente é natural para alguém daquela idade sentir desejo por prazeres sensuais. E é normal que todas as fantasias e devaneios associados com ele surjam na mente. É claro, são estes os pensamentos de alguém pensando exatamente como as pessoas lá fora, vivendo no mundo. São os pensamentos de gostar e odiar. Eles podem ir em todas as direções e jamais cessar. Havia até gente tentando me convencer a abandonar o manto.”

Em 1964, Luang Pó retornou ao mosteiro Wat Bahn Jog Lahn, na província de Sri Saket, onde podia praticar e estudar à vontade. Após a estação chuvosa, completou seus exames de *Nak-Thamm Ek*. À época, ocorreu que o monge responsável por administrar aquela região havia acabado de renunciar e partir, então foi pedido a Luang Pó que assumisse essa prestigiosa função. Ciente de como um posto oficial na administração da Sangha certamente se tornaria um fardo para ele, ele recusou a honra e perguntou a seu abade se podia partir e se encaminhar à Tailândia Central para estudar em um nível mais alto. Ele acabou na província de Saraburi, onde esperou por uma oportunidade de se juntar a um mosteiro de estudo. Isso não ocorreu, e Luang Pó aceitou o convite de passar seu vintouro quinto retiro de chuvas (1965) sozinho em um mosteiro vazio chamado Wat Bahn Suan, em Phra Buddhabaht, ao invés de prosseguir com seus estudos.

Já na estação chuvosa anterior, em Sri Saket, ele aproveitara a possibilidade de ficar sozinho num templo do mosteiro, a fim de meditar em silêncio. Por vezes, quando era necessário, Luang Pó havia ajudado a ensinar *Nak-Thamm* aos monges mais novos, mas, durante as noites, ele tentava passar seu tempo só, desenvolvendo sua prática continuamente. Quando tarefas comunais no mosteiro ou serviços sociais para os habitantes locais surgiam, ele realizava essas tarefas com alegria, cumprindo muitas ações benéficas também aos outros. Mas, em privado, ele sempre buscava oportunidades de praticar meditação sentada e andando sozinho, em um local quieto e isolado, onde podia se afastar da comunidade e refletir sobre suas próprias experiências e ideias.

Ao longo daquela época, seus sentimentos em relação a mulheres eram frequentemente um problema que pesava em seu coração, mas não havia nada que pudesse fazer – onde quer que se fosse, eventualmente sempre acabaria encontrando alguém do sexo oposto. É muito difícil evitar completamente o contato com mulheres. Portanto Luang Pó decidiu que ele simplesmente continuaria sua prática quieta e reclusa, como costumava fazer – independente de qualquer coisa.

Então, na quinta estação chuvosa de Luang Pó, sozinho em Wat Bahn Suan, diversos incidentes envolvendo mulheres ocorreram. Essa foi a causa pela qual muitas dificuldades surgiram em seu coração. Assim que o retiro de chuvas havia terminado, Luang Pó percebeu que ele não aguentava mais e decidiu sair do lugar por um tempo. Quando voltou, embora a situação de viver em solidão houvesse sido benéfica de muitas maneiras à sua prática, o problema era novamente as emoções que surgiam em relação às mulheres.

“Quando se mora sozinho mas num local que não é tão distante do povoado, o problema é que você ainda pode ver as pessoas do povoado, e elas podem te ver. No meu caso, eu estava a apenas 200 metros de distância. Havia esta mulher em particular, a filha do chefe do povoado, de uma família que tinha influência naquela região do país. Como eu era um monge mendicante dependente dos leigos para meus requisitos e um estranho na região, ela, com a melhor das intenções, colocou seu coração totalmente na tarefa de me assistir em diversas coisas.

Aconteceu que esta mulher vinha me visitar todos os dias. Logo atrás do meu local de prática, havia uma plantação de milho. Diretamente ao lado de onde ficava, eu mantinha alguns recipientes para coletar água da chuva. Se você não coleta e armazena água da chuva durante a estação chuvosa, não haveria água nenhuma para beber durante a estação seca. Esta mulher veio pela primeira vez até onde eu estava porque tinha sede e queria um gole de água. Quando ela terminou de beber a água, se sentou e começou uma conversa. Ela estava interessada em interagir e conversar.

Se eu não falasse com ela, teria parecido estranho ou talvez rude. Eu não sabia como sair daquela situação, então estabeleci sati em mente e comecei a conversar com ela. Como em toda conversa educada, falávamos disso e daquilo em círculos por algum tempo.”

Quando conversam por mais que cinco ou seis frases, é a natureza dos seres humanos começarem a soltar seus vários pensamentos e emoções. Então, como é natural para um jovem que leva uma vida celibatária, a experiência de falar com

esta moça em privado teve nele o efeito de fazê-lo um tanto disperso, dando origem a uma variedade de pensamentos. Após sua primeira visita, a jovem moça veio visitar Luang Pó novamente. Desta vez, ela trouxe uma ferramenta de agricultura e a colocou ao lado da cabana de Luang Pó para armazená-la ali.

“Eu não sabia qual era a melhor coisa a fazer. Ela continuava vindo me visitar todos os dias. Às vezes, o sol atingia o horizonte, mas ela ainda não tinha voltado para casa! E ela era muito jovem e atraente.

Então pensei comigo mesmo, ‘O povoado é longe demais para ela percorrer o caminho para casa no escuro; se algo acontecer, pode ser bem complicado.’ Se a jovem moça ficasse brava ou irritada, ela poderia tentar arruinar minha posição como monge. Eu mantive isso em mente e fiz todo esforço para ser cauteloso e circunspecto.

Mas, às vezes, minha mente se inclinava em direção a ela, ou queria ficar do seu lado. Quando isso acontecia, eu tentava pensar em um método para consertar e reparar a situação, para trazer minha mente de volta à clareza e ao equilíbrio.”

A jovem continuava a visitar Luang Pó em sua cabana por diversos dias, e isso continuava a fazer surgirem muitas coisas em sua prática.

“A fim de resolver os problemas com desejo sensual que surgiam à época, eu pratiquei as contemplações de asubha kammattḥāna e maraṇṇussati³, que ajudaram. Eu também visitei um campo de cremação. Contemplar os cadáveres também ajudou a diminuir o desejo sensual. Às vezes, essas práticas ajudavam a aliviar o sofrimento pelo menos de algumas formas. Em outras ocasiões, eu era convidado por um leigo a colocar um pano em um cadáver⁴. Eu fazia um esforço extra de olhar e contemplar o cadáver. Isso fazia surgir um sentimento temporário de alívio.

Mas a imagem da jovem moça, a sensação de sua presença, ainda estava profundamente embutida em meu coração. Quando esse sentimento surgia, era como jogar gasolina em uma fogueira de madeira acesa. As chamas subiam aos céus e ficavam muito brilhantes. Eu não tinha ideia de como achar maneiras de apagar o fogo. Sempre que surgia contato com qualquer coisa relacionada a ela – a sensação de sua presença (por exemplo, seu porte, graça, dignidade e aparência geral) – eu simplesmente não conseguia aguentar.

Esses tipos de interação (de monges) com mulheres geralmente se dão no estilo e maneira que a mulher escolhe, então eu não tinha muita influência e era possível que facilmente

3 Contemplação da morte.

4 Como parte do rito fúnebre.

minha situação se tornasse uma questão muito arriscada. Por sorte, eu também tinha um senso saudável de vergonha e autocontrole, e sempre mantinha uma forte ciência de ser um monge. Naquela região da Tailândia, as mulheres não evitam contato com monges. Elas adoram conversar com monges e, se não há assuntos a serem tratados, elas arranjam algo. E elas não vão embora facilmente. Puxa, quase me pegaram também... Eu caí num péssimo estado. Algo que havia estado dormente por muito tempo havia sido tocado. Por sorte, eu tive a consciência de perceber que estava indo fundo demais para me puxar de volta para fora. Então, literalmente, aproveitei a primeira janela de oportunidade e fugi antes que algo inapropriado acontecesse. Eu ainda era um homem tolo que não teria sido capaz de me livrar de outra forma, então decidi partir sem me despedir de absolutamente ninguém.”

Após ter cortado de vez a perigosa situação de se envolver com uma mulher, Luang Pó retornou a Wat Bahn Jahn Sén Chay, na província de Sri Saket, para ajudar com o ensino de *Nak-Thamm*, junto aos monges com os quais havia vivido antes. Durante o período em Sri Saket, também ajudou a construir um prédio escolar para as crianças do povoado. Essa atividade trouxe a ele algum alívio de seus problemas relacionados a mulheres. Mesmo assim, a atração por mulheres se mantinha um problema real, embora ele tentasse não pensar a respeito e sua fé no Buddha e seus ensinamentos se mantivesse firme.

Conforme a próxima estação chuvosa de 1965 se aproximava, Luang Pó decidiu simplesmente ficar onde estava, mas tomando a resolução de iniciar algumas práticas especiais a fim de desenvolver maior força mental. Ele praticava as *dhutangas* de sempre sair em ronda de mendicância e comer somente a comida posta diretamente em sua tigela (isto é, não comer a variedade de pratos preparados ou levados ao mosteiro). Ele também determinou que não socializaria com o grupo assim que o momento de ensinar e guiar os outros monges e noviços tivesse passado. Ele se separava dos outros, saía em retiro e praticava meditação, usando *sati* focada na respiração como seu objeto meditativo. Ele sustentava esta prática continuamente até se sentir razoavelmente sereno com ela. Quando emoções fortes surgiam, sua prática era firme o bastante para aliviá-las.

Após a estação chuvosa de 1965, Luang Pó foi a Bahn Buyao, onde o pediram para treinar seis monges recém-ordenados em meditação sentada e andando, cânticos e rotina diária do mosteiro. Ele ficou para o retiro de chuvas de 1966 e então partiu de volta a Wat Bahn Jahn Sén Chay, onde passou a próxima estação chuvosa. Ele continuou a se dedicar diligentemente à prática nestes locais até o fim do retiro de chuvas, quando partiu à procura de um novo professor em um mosteiro de

prática. Ele passou por muitos mosteiros, inclusive Wat Sung Noen, na província de Korat, onde estudou os modos da prática de Luang Pó Bun Mí, um discípulo de Luang Pu Man e Luang Pu Tongrat, por três dias. Depois disso, viajou à província de Ubon, onde casualmente escutou conversas entre leigos discutindo Wat Nong Pah Pong⁵ e os ensinamentos de Luang Pu Chah. Luang Pó Liem sentiu um interesse imediato em ir e aprender do treinamento de lá.

“Quando entrei no terreno do mosteiro de Wat Nong Pah Pong e passei sob a sombra das árvores que se enfileiravam nos dois lados do caminho, senti uma sensação de frescor e calma. Ver terras de mosteiro tão bem varridas, com cabanas bem espaçadas entre si em longas e organizadas fileiras na floresta, era agradável aos olhos; e uma visão estranha que jamais havia visto em qualquer lugar.”

Luang Pó havia chegado tarde da noite, mas um dos monges de Wat Nong Pah Pong que estava realizando alguns trabalhos pôde dirigi-lo à residência de Luang Pu Chah. Luang Pó prestou reverência a Luang Pu Chah, ambos tiveram uma rápida conversa e, logo após, Luang Pu Chah o instruiu a ir dormir na salão principal.

“Eu imediatamente gostei dos padrões de prática de Luang Pu Chah. O estilo de prática me pareceu muito natural. Eu fiquei muito satisfeito com as boas maneiras e altos padrões de conduta e comportamento dos monges e noviços. Todo o ambiente do mosteiro era silencioso – exatamente o que eu buscava. Ademais, mesmo após uma curta estadia e período de prática, eu sentia paz e reclusão tanto de corpo e mente, então gostei ainda mais.”

Após uma estadia de duas noites em Wat Pah Pong, Luang Pó retornou para pedir permissão a seu professor anterior para viver e treinar em Wat Pah Pong. Com uma carta de recomendação de Luang Pu Gao, Luang Pó voltou a Wat Pah Pong em julho de 1969. Novamente prestou reverência a Luang Pu Chah, que conhecia muitos dos lugares onde Luang Pó havia ficado antes. O ensinamento que Luang Pó inicialmente recebeu de Luang Pu Chah foi sobre as “quatro qualidades imensuráveis”: *mettā*, *karunā*, *mudita* e *upekkhā*⁶. Luang Pó foi aceito na Sangha de Wat Pah Pong após somente cinco ou seis dias, quando Luang Pu Chah permitiu que ele trocasse seus mantos e requisitos monásticos, pois é o procedimento padrão em Wat Pah Pong que todo requisito que possa ter sido adquirido de maneira incorreta (por exemplo, com o uso de dinheiro) deve ser renunciado.

5 *Também chamado de Wat Pah Pong.*

6 *Bem-querer, compaixão, felicidade com a bem-aventurança alheia, equanimidade.*

Geralmente monges recém-chegados precisam esperar dois ou três meses observando integralmente todos os padrões de prática de Wat Pah Pong antes que a eles seja permitido se tornar completamente um membro da comunidade.

Nesse ano, iniciado o retiro de chuvas, Luang Pu Chah instruiu os monges a manter os padrões de treinamento do mosteiro muito rigorosamente. Isso significava empreender total esforço em meditação sentada e andando. Luang Pu Chah esperava que toda atividade no mosteiro fosse feita em silêncio, com um senso de cuidado e respeito pelo fato de que todos devem trabalhar juntos e em harmonia. Não havia lugar para egoísmo ou competitividade. Esse era um aspecto do ensinamento que Luang Pu Chah constantemente enfatizava.

Luang Pó resume o que ele achava mais impressionante a respeito de seu novo professor, Luang Pu Chah:

“A partir de toda minha experiência, eu diria que Luang Pu Chah era diferente de todos os outros. Seu caráter não era como o de qualquer outro por conta de sua forte e sincera disposição ao sacrifício e doação. Em minha experiência, ele era absolutamente resoluto em suas ações. Ele dizia o que faria de antemão, e então agia como havia dito. É muito difícil achar alguém praticando assim. Em sua prática e em todas as suas ações, Luang Pu Chah estava sempre completamente desperto. Luang Pu era o tipo de gente de quem as pessoas sempre gostavam. Toda sua personalidade era digna de respeito, digna de reverência. A partir de todas essas experiências, eu sentia que Luang Pu era alguém que realmente poderia nos dar diretrizes no ensinamento e na prática.”

Para Luang Pó, parecia que todos em Wat Pah Pong investiam muito esforço, motivação e fé na prática. Quanto ao próprio Luang Pó, ele estava determinado a corresponder aos padrões de seu novo mosteiro. Isso não parecia muito difícil, dado que ele havia realizado muitas práticas antes, mesmo que houvesse ficado em mosteiros da cidade. Ele não sentia que a rotina em Wat Pah Pong colocava muito estresse ou pressão sobre ele, mas sim que era uma excelente oportunidade de praticar de uma maneira que, de toda forma, lhe caía bem. Então se dedicava à prática com ainda mais energia.

PRÁTICA DE LUANG PÓ APÓS SUA CHEGADA A WAT PAH PONG

Luang Pó conta sobre sua prática quando havia acabado de chegar a Wat Pah Pong:

“Eu tentei me esforçar muito no desenvolvimento de sati e sampajañña⁷. Isso significa observar a própria mente o tempo inteiro, sem interrupção e sem deixar a atenção escapar, olhando para meu próprio estado mental dia e noite, tentando impedir as proliferações usuais de pensamentos a todo momento, em toda postura, seja em pé, sentado, andando ou deitado. Eu tentava observar a mente, focá-la e investigá-la. Quando se examina a própria mente dessa forma, pode-se enxergar como ela é. Quando há o sentimento de gostar de algo, sabe-se imediatamente que a mente sente atração, e, quando sentimentos de dukkha surgem, sabe-se que a mente sente dukkha.”

O tempo para prática individual em Wat Pah Pong é limitado. Há reuniões matutinas e noturnas onde toda a comunidade se senta em meditação, recita versos em pāli e escuta ensinamentos sobre Dhamma e Vinaya. Após a ronda de mendicância diária, os monges se reúnem para sua única refeição do dia. Todas as tardes, há um período de trabalho. Luang Pó contou sobre sua rotina diária e práticas fora das atividades comuns:

“Após os encontros noturnos no salão, onde o Pubbasikkhā⁸ era lido, eu retornava à minha cabana às oito ou nove horas e começava a praticar meditação andando. Apenas por volta de uma hora até as dez, então meu corpo sentia que precisava de um descanso. Mas ir dormir não significava simplesmente ceder ao desejo de dormir. Devia-se dormir somente o tanto que se houvesse determinado de antemão. Não haviam despertadores. Devia-se saber a hora e acordar por conta própria. Às vezes, eu escutava certos sons da natureza em volta da minha cabana – os sons de alguns insetos, por exemplo, ou o canto do Graput⁹. Às vezes, o som do trem passando à distância me acordava. À época, o carro do povoado que levava as pessoas ao mercado passava pelo mosteiro pouco depois de duas da manhã. Esse era o

7 Sati e sampajañña são comumente utilizados como um par. Sati diz respeito a atenção plena e lembrança, enquanto sampajañña se refere a consciência e compreensão clara.

8 O livro padrão para o ensino da disciplina monástica (Vinaya) utilizado na Tradição da Floresta.

9 Um pássaro tailandês.

horário exato para se levantar para uma mudança de local (por exemplo, ir ao salão para a reunião matinal). Se ninguém ainda estava lá, eu usava o tempo para olhar o esqueleto lá pendurado. Ao chegar antes dos outros monges, às duas ou duas e meia, fazia muito silêncio no salão, uma boa oportunidade de se estar sozinho. Naquela época, o salão tinha um telhado de latão, e todos os tipos de animais que saem à noite procurando comida andavam no telhado do salão – por exemplo, um chamott¹⁰. Ele fazia barulhos assustadores. Os gritos do chamott parecem o som de um ser humano chorando. Eu pensava que alguém estava lá, chorando, e ficava ansioso, então saía, olhava e via que era um chamott. Experiências como essa nos ajudam a construir a habilidade de encarar e lutar com as dificuldades.

Naquela época, o cântico levava apenas 27 minutos, porque não era recitado com tradução, como fazemos hoje em dia. Em seguida, sentávamos juntos em meditação. Quando terminava a meditação, limpávamos o salão. Enquanto andava em ronda de mendicância, eu evitava socializar com o grupo. Para a ronda, me tinha sido atribuída Bahn Gó, que à época não era um caminho tão agradável como é hoje. A estrada não era boa. Era cheia de lama e esterco de vaca e búfalo. Isso era algo normal à época, então eu não pensava muito a respeito e apenas realizava meu dever. Andar pela lama era um bom teste das reações da mente. Eu estabelecia plena atenção e começava a andar do mosteiro a Bahn Gó. Eu não pensava muito sobre o passado ou o futuro e só me mantinha na experiência de consciência.

Na ronda de mendicância, eu tentava seguir o princípio de controle, de acordo com os padrões que o Buddha estabeleceu no pāṭimokkha. Estas práticas eram ótimas oportunidades para treinar.

Eu não tinha muitos pertences ou requisitos, apenas as necessidades básicas. Qualquer coisa a mais era propriedade comunal. No máximo, eu tinha velas e fósforo para utilizar à noite, de forma que houvesse um pouco de luz para praticar meditação sentada ou andando, ou para ir ao banheiro. Usava-se uma vela para iluminar o caminho. Não havia sequer guarda-chuvas adequados naqueles dias, apenas os de papel feitos em Chiang Mai que foram distribuídos um dia. Quando se utiliza estes guarda-chuvas de papel na chuva, eles gradualmente se desfazem, porque a cola dissolve. Deve-se cuidar do guarda-chuva e secá-lo ao sol após o uso. Era apenas bom o bastante para se passar um retiro de chuvas sem muita dificuldade. Eu tentava cuidar bem do meu, porque me havia sido dado por Luang Pu (Chah). Eu tinha consideração por ele por causa de Luang Pu. Eu não queria pedir por um novo. Ele era bom o bastante para uma estação chuvosa, mas não protegia da chuva de fato, apenas na cabeça. Abaixo, se molhava da mesma forma.

10 Um tipo de tamanduá.

Após terminar a refeição no refeitório, eu voltava à minha cabana e praticava meditação andando. Em alguns dias, eu me permitia um pequeno descanso logo após o meio-dia, apenas trinta minutos, não muito. Eu não gosto muito de dormir durante o dia. À uma, eu lia um livro de Dhamma ou revisava um pouco meus cânticos. Eu não abria muito os livros. Não queria me envolver muito com os estudos, porque já o havia feito antes e me sentia farto. Os estudos que eu havia feito não pareciam ter me ajudado muito. Então decidi parar. Tinha vindo para praticar.

À tarde, meditava andando até a hora de transportar água, limpar o salão e os banheiros e varrer as trilhas. Eu costumava limpar as privadas dos leigos. Naqueles dias, havia apenas duas, mas as pessoas que as usavam eram geralmente pessoas que jamais haviam usado uma privada antes. Às vezes, eles não davam descarga ou deixavam um graveto usado (para limpar-se) na privada. (Luang Pó ri). Limpar aquelas privadas era um bom treino! Frequentemente as privadas estavam entupidas e eu tinha que usar madeira para desentupir-las. Geralmente não me importava, mas, de tempos em tempos, sentia aversão, pensando: ‘Por que essas pessoas dependem de mim para lavar e dar descarga na privada para eles?’

Quando não havia água, devia-se trazer do poço. Eram necessárias duas pessoas para carregar a água. Não havia carrinho. Mesmo se houvesse um carrinho, nós não o usaríamos. O certo era carregar a água.

Todas essas práticas formam um bom alicerce para a vida monástica. Um monge cumpre suas tarefas com diligência, da maneira traçada nas rotinas monásticas do Vinaya, como a tarefa das privadas. Na verdade, naqueles dias, as privadas não eram muito limpas. Era mais uma questão de evitar que tivessem mau cheiro.

Após as tarefas, eu tomava banho, voltava à minha habitação e meditava andando novamente, esperando a hora de se reunir com os demais para a meditação da noite.

Essas rotinas são boas para construir o hábito de se aplicar com diligência à prática e ajudam a prevenir que se perca a referência de onde se está. Treinar assim todo dia também deixa as pessoas de bom humor.

Nos dias de Wan Phra¹¹, eu tomava a prática de ‘nessajjik’¹², isto é, abster-se de se deitar durante toda a noite. Eu conseguia fazê-lo facilmente, apenas considerando isso como algo

11 Os dias de observação nas noites de lua cheia, lua nova, crescente e minguante, que ocorrem a cada sete ou oito dias.

12 Grafia tailandesa da palavra em pāli “nessajjika”.

trivial a ser feito. Dia e noite se tornam o que são apenas através da nossa definição de acordo com certas experiências que associamos a cada um. Quando alguém simplesmente refaz suas associações, dia pode virar noite e noite pode virar dia. Será que eu conseguia mesmo fazer isso? Bem, era o que deveríamos fazer, então me esforçava. Às vezes, conseguia facilmente passar a noite sem me deitar. Mas, às vezes, devo admitir, havia um pouco de exaustão, embora não ao ponto de ser sofrimento, porque eu tomava aquilo como uma experiência normal. Algumas vezes buscava outras oportunidades para descansar. Não tendo dormido à noite, às vezes descansava de dia. Na verdade, descansar não significa necessariamente que se deve dormir. Quando se acessa a paz da reclusão (ao meditar), também se descansa e ganha energia.”

Geralmente, Luang Pó treinava em se contentar com pouco. Mesmo em suas tarefas e deveres pessoais, ele não aceitava ajuda de seus colegas monges ou noviços. Cuidar de si próprio tornou-se hábito, mesmo que ele já fosse um dos monges sêniores do mosteiro. Monges mais velhos em Wat Pah Pong geralmente recebem cuidados dos monges mais novos, que lavam seus mantos, limpam sua cabana e cuidam de sua tigela de esmolas. Se responsabilizar por suas próprias coisas era a disposição natural de Luang Pó, que não queria ser um fardo para os demais. Não esperando o apoio dos outros ou dependendo deles, mas, ao invés, sempre calmamente oferecendo ajuda e suporte à comunidade de várias maneiras, ele era um exemplo inspirador de altruísmo, assim como seu professor, Luang Pu Chah. Esse estilo de prática é uma das razões pelas quais ele não socializava muito com os demais monges e, portanto, tinha a oportunidade de praticar completamente até o limite de suas capacidades.

“Eu vim a Wat Pah Pong com uma mente que estava interessada no treino, prática e desenvolvimento de mim mesmo. Eu empreendia algumas práticas especiais por conta própria. Por exemplo, após as reuniões de meditação em grupo, usava a oportunidade para aplicar mais esforço na prática, tentando desenvolver diligência como um hábito. Eu não socializava, não me relacionava com os outros monges, não falava com ninguém. Naquela estação chuvosa, nós éramos quase 50 – se lembro bem, 47. Eu não entrava em contato com ninguém, vivendo como alguém que realmente aproveita sua oportunidade. E as oportunidades para a prática eram fantásticas. Tentava treinar na compreensão de todos os sentimentos e sensações que surgem quando se é deixado completamente à natureza. Se nos é uma dada uma oportunidade assim, devemos ser resolutos e nos esforçar para usá-la.

Mas não era sempre que eu era muito diligente. Às vezes, também me sentia preguiçoso. A preguiça surge quando sentimentos egoístas tomam conta de nós. O que fazia para enfrentar isso era me perguntar constantemente: ‘O que vim fazer aqui?’

Às vezes, quando me sentia confuso, com um humor estranho, ou não me sentia bem, eu utilizava a técnica de olhar fixamente um objeto de kasina¹³. Mas o foco da minha kasina não era nada de extraordinário. Eu simplesmente olhava intensamente para o esqueleto (exibido no salão de Wat Pah Pong). Eu olhava fixamente para o esqueleto de uma forma que dá insight sobre a natureza dos componentes materiais do corpo (rūpa-khandha). Eu tomava a nimitta do esqueleto para contemplação. O esqueleto era meu objeto regular de meditação. Quando se olha uma nimitta dessa forma, ela permanece consigo onde quer que se vá. Quando se senta em meditação, vê-se um esqueleto. Tudo para o que se olha parece um esqueleto. Em outras ocasiões, quando voltava de contemplar cadáveres, visões de corpos mortos surgiam à minha mente como nimittas.

Quando se vê nimittas como essas, sentimentos de diligência e motivação na prática aparecem. Não se esquece onde se está e o que se está fazendo. Há uma sensação de vigília contínua em todas as posturas. Sente-se que se achou um local de independência, por conta própria. Em meditação sentada, se é capaz de sentar continuamente – sem adormecer. Há sati e consciência. É possível determinar como passar o tempo adequadamente, e não se permite que ele passe inutilmente.”

O retiro de chuvas é uma época na qual os monges de um mosteiro geralmente intensificam seus esforços na prática do Dhamma. As altas aspirações e a motivação de Luang Pó o conduziram a uma poderosa experiência no começo da estação chuvosa, a qual ele reconta:

“Experienciei algo mais estranho que qualquer coisa que já houvesse antes. Do início do retiro de chuvas até o segundo mês, senti grande inspiração em minha prática. Não havia enfraquecimento, nem qualquer tipo de pensamento de desencorajamento.

A prática ia bem o tempo todo, embora houvessem algumas poucas experiências da mente se envolvendo com desejos ou kilesas. Mas elas não eram muito fortes. Tome o desejo sexual, por exemplo. Se surgissem em mim sensações agradáveis relacionadas ao contato com mulheres, eu podia retornar à prática asubha kammattḥāna, tomando ou o meu corpo ou o corpo de outra pessoa como objeto de investigação, vendo-o como algo sujo e indigno de desejo e apego. Por exemplo, podia vê-lo como um esqueleto, talvez um andando por aí, ou

13 Uma técnica de meditação na qual se olha ininterruptamente para um certo objeto, por exemplo, um círculo branco.

eu podia ver os órgãos internos de uma pessoa cortada em pedaços e desmontados. Isso leva a uma sensação de repulsa, indiferença e revulsão com o próprio corpo e os corpos das demais pessoas.

Refletir sobre o corpo dessa forma alivia o desejo sexual e a atração pelo sexo oposto. Também conduz a tornar-se atento, vendo a mente conforme ela se relaciona com os objetos mentais. Isso nos livra do enredamento nos estados mentais que surgem a partir do apego ao prazer ou desprazer relacionados a um certo objeto mental. No exato momento em que a mente está de um certo jeito, percebe-se isso atentamente.

Possuir sati dessa maneira parecia suficiente para estabelecer diretrizes claras na prática. Daí em diante, a sensação de ter que pensar sobre coisas de diversas maneiras se atenuou. O cittasankhārā, ou a mente pensante que vai em todas as direções, sentia-se sem forças. Ela se abatia e se retraía mais e mais, até chegar em um estado no qual se pode dizer que não era mais perigoso.”

Por volta da metade da estação chuvosa do ano de 1969, Luang Pu Chah encorajou os monges a praticar com especial intensidade. Eles não deviam conversar uns com os outros e as reuniões comunais matutinas e noturnas foram canceladas. Luang Pu Chah viu que era hora de dar aos monges mais oportunidade para praticarem sozinhos. Luang Pó Liem intensificou seus esforços e conforme o fez os resultados se tornaram evidentes. No dia nove de setembro, por volta das 10 horas da noite, ele experimentou uma intensa transformação em sua mente. Ele teve um sentimento de brilho e felicidade extraordinários, do qual ele relata:

“É impossível descrever esse tipo de felicidade a outra pessoa. É impossível fazer alguém conhecê-la e entendê-la. Não se trata da felicidade de conseguir coisas de acordo com nossos desejos, e tampouco a felicidade pelo fato das coisas serem agradáveis; é o tipo de felicidade que vai além dessas duas. Andar é felicidade, sentar é felicidade, ficar de pé é felicidade, deitar-se é felicidade. Há a experiência de deleite e alegria o tempo inteiro. Ademais, é possível manter na mente o conhecimento de que esta felicidade surge completamente por conta própria e eventualmente desaparecerá por conta própria. Em uma experiência desse tipo, tanto felicidade como sofrimento ainda são estados inteiramente impermanentes. Eu conseguia manter o conhecimento desse fato o tempo inteiro. Em toda postura – de pé, andando, sentado ou deitado – havia uma experiência contínua e uniforme de felicidade. O estado era o mesmo, estivesse eu praticando meditação sentada ou andando.

Caso tentasse descrever a mente nesse estado, poderia dizer que há brilho, mas a palavra ‘brilhante’, em verdade, não descreve corretamente a experiência. É como se não houvesse

nada que pudesse fazer a mente se envolver com qualquer coisa. Essa experiência durou um dia e mudou novamente. Então a mente se tornou completamente pacífica; sem exaustão, cansaço ou sono, mas cheia de clareza, radiância e frescor, imbuída com vários tipos de deleite e êxtase. Essa experiência perdurou sem qualquer referência a tempo. Foi verdadeiramente 'akālika', atemporal. A mesma sensação continuou pelas quatro posturas. Eventualmente me perguntei: 'O que é isso?', e a resposta foi: 'Um modo da mente.' É assim por si só. Quando há felicidade, apenas a tomamos por felicidade... é simplesmente uma questão de felicidade. Quando há paz, apenas a tomamos por paz... e apenas continuamos a olhar para a nossa felicidade, e apenas continuamos a olhar para a nossa paz... incessantemente."

Eventualmente, na noite de 10 de setembro, uma mudança para algo novo, que Luang Pó jamais vivera antes, aconteceu. Uma sensação de cansaço, frustração e fadiga tomou conta dele. Quando se sentava ou andava, se sentia sonolento. Mesmo após ter descansado, o cansaço permanecia. Em toda postura, ele se sentia completamente exausto. Chegou ao ponto em que ele adormeceu enquanto praticava meditação andando e deu de frente com uma moita de espinhos. Todo seu rosto ficou arranhado e dolorido. "Ao menos o sono vai desaparecer agora." pensou, mas a fadiga persistia forte como antes. Ainda assim ele aguentava, dizendo a si mesmo que é natural encarar obstáculos na prática, pelos quais, em alguma medida, todos precisam passar. Com essas reflexões em mente, ele entendeu que precisava olhar para esse cansaço que antes não havia estado presente. Afinal, essa fadiga simplesmente surgiu, então ela também era impermanente. Usando este insight, ele tentava manter consciência do sono.

No dia 11, Luang Pó experienciou outra mudança: uma grande paz e felicidade retornaram à sua mente. Em todas as quatro posturas havia clareza e contentamento. Simplesmente estar só era muito agradável. Nada podia invadir e bagunçar sua mente. Objetos externos tentando afetar a mente simplesmente não conseguiam alcançá-la. Ao trabalhar com os demais monges e noviços durante os afazeres, mesmo estando junto aos outros, ele se sentia como se estivesse sozinho. Ele não estava interessado no que eles falavam ou conversavam. Simplesmente não tinha interesse em pensar muito sobre qualquer coisa que estivesse acontecendo, e quando os afazeres terminavam, simplesmente retornava à sua cabana.

O dia seguinte passou com a felicidade e paz contínuas, seguindo como se fosse uma experiência normal e ordinária. Com atenção incessante, Luang Pó

continuou a olhar tanto para sua mente como para os objetos de sua mente. Quando a noite do dia 12 se aproximava, ele começou a se questionar: “Por que realmente praticamos?... Pra que serve toda essa prática?” E a resposta surgiu:

“Não praticamos por qualquer coisa, praticamos em nome da prática. Não importa a que quer que ela nos leve. Nosso dever é praticar, então praticamos e tentamos manter sati e consciência. A cada momento, estamos nos ensinando. O que quer que façamos, tentamos ter sati e consciência. Quer estamos andando para frente ou para trás, mantemos tudo em um estado de perfeito equilíbrio.

Eu finalmente sentia que havia feito meditação andando o bastante por aquele dia, porque fiquei muito cansado e meus pés já doíam muito. Eu sentia como se os ossos dos meus pés perfurassem através da pele, porque eu havia andado o dia e noite inteiros sem descanso. É normal experimentar sensações dolorosas se utilizamos uma postura excessivamente. Mas é também normal que as sensações mudem novamente, então pensei, é meditação andando o bastante por hoje. Fui até minha cabana, vesti meu manto com o ombro direito aberto e o manto externo dobrado sobre o ombro esquerdo¹⁴, sentei virado para o Leste (a mesma direção onde estava localizada a cabana de Luang Pu Chah), pensei em meu professor e comecei a meditar.”

A meditação estava muito pacífica e a mesma reflexão de antes surgiu novamente na mente de Luang Pó: “Não praticamos por qualquer coisa, praticamos por praticar.”

“Mantendo esse ensinamento em minha mente, eu continuei a meditar. Normalmente eu sentava em meditação até 10 ou 11 horas da noite e então parava para descansar, mas, neste dia, continuei sentado por cerca de oito horas sem me mover ou mudar minimamente de postura. Com essa experiência de paz, a mente se transformou. O sentimento de paz irradiou e penetrou através do corpo inteiro, como se algo estivesse tomando conta dele. Era algo fresco, um frescor que se impregnava em todo o corpo... tão fresco... uma experiência do corpo inteiro se tornando completamente leve e tranquilo. A cabeça se sentia fresca dia e noite inteira, como se houvesse um ventilador a soprar sobre ela. Fresca, pacífica, silenciosa e imóvel. Nenhuma experiência de pensamentos, e nenhuma ideia de para onde eles haviam desaparecido. Tudo em silêncio, completamente. A sensação era de total quietude. A única experiência que restava era aquela de completa paz e serenidade. O corpo se sentia tranquilo, fresco e leve.

14 Esse é o modo formal de vestir o manto. Dá a impressão que Luang Pó sabia que algo importante estava para acontecer.

Essa experiência continuou pelo ano inteiro, não apenas por um ou dois dias. Na verdade, ela tem continuado, imutável, por muitos anos, tudo a partir daquela vez. Há o estado de frescor, como que no cérebro, quer esteja sentado ou deitado – frescor em toda posição. Todas as preocupações, inquietações ou pensamentos similares somem completamente. Pensar nessa ou naquela direção cessou. Tudo em silêncio, como uma floresta onde não há o menor som de qualquer pássaro a cantar. Verdadeiramente silencioso. Nenhum vento a soprar. Apenas tranquilidade e paz contínuas.

A sensação é de como se não houvesse nenhum sankhāra, nenhuma proliferação da mente. Todo o sofrimento que surge das kilesas que haviam me incomodado antes, as kilesas a respeito do sexo oposto ou todos os tipos de ambição que eu havia tido, não sei onde todas elas desapareceram. Ao ver alguém, simplesmente sentia que via algo absolutamente normal. Ver uma pessoa apenas como uma pessoa: apenas isso. Sem pessoas belas, sem pessoas feias – pessoas simplesmente eram especificamente do jeito que eram. Esse é o tipo de paz e tranquilidade que surgiu. Eu não sabia o que era, mas também não me importava com o que era, sabendo que é assim por conta própria, exatamente dessa forma.

É assim através de paz e tranquilidade. Não há com o que se preocupar no que diz respeito a como várias coisas existem. No que se refere a dukkha, eu não sei mais como é dukkha. No que se refere à preguiça, eu não sei mais como é a preguiça. Me questionava sobre preguiça, e não havia. Me questionava sobre dukkha, e não havia. A sensação dentro do meu coração era exatamente assim.

Eu tentava me recordar e especificar o que é chamado de dukkha. O que é? Eu realmente não sei. Eu somente sei como eles discernem o significado em termos de linguagem convencional, porque dukkha é apenas algo criado por convenções comuns. Quando a mente não possui dukkha, nenhuma convenção existe na mente. E a experiência dessa sensação tem durado continuamente, o tempo inteiro, desde então; não houve mudança até o dia atual. Esse mesmo estado ainda dura, e tem sido estável, contínuo e sem mudança.”

OS ANOS EM WAT PAH PONG

Nos primeiros anos que Luang Pó passou em Wat Nong Pah Pong, houve muitas ocasiões nas quais Luang Pu Chah pediu a ele que ajudasse no crescente número de mosteiros filiados, inclusive Wat Tamm Séng Phet, Wat Pu Din Déng (para onde ele foi após a estação chuvosa de 1970) e Wat Suan Gluay (onde passou o retiro de chuvas de 1971).

Para a cerimônia anual de *kathina*¹⁵, todos os monges dos mosteiros filiados se reuniam em Wat Nong Pah Pong. Naqueles dias, não era tão fácil organizar uma viagem, então Luang Pó Liem acabou por levar seus monges de Wat Suan Gluay até Wat Nong Pah Pong a pé (cerca de setenta quilômetros). Tendo começado a andar após a refeição de manhã, eles chegaram por volta do pôr do sol do dia seguinte. Luang Pó conta dessa experiência:

*“Eu me sentia exausto de tanto andar, o agregado corporal doía terrivelmente. O corpo inteiro doía, mas eu não ficava verdadeiramente preocupado, porque não havia nenhum sofrimento mental, apenas o sofrimento dos sankhāras, o que é normal quando os atormentamos demais. Os monges e noviços que me acompanhavam reclamavam o tempo inteiro, porque estávamos a andar continuamente com quase nenhum descanso, mas conseguimos chegar bem a tempo para participar na oferenda de tecido de *kathina* em Wat Pah Pong.”*

Luang Pó retornou a Wat Suan Gluay e ajudou a cuidar e reformar o mosteiro até que Luang Pu Chah o chamou de volta urgentemente para o dia de *Māgha Pūjā*¹⁶ de 1971. Para o evento, Luang Pó deveria dar uma palestra de Dhamma em frente a uma enorme assembleia de monges, noviços e leigos que haviam vindo. Ele comenta sobre ter que dar palestras de Dhamma:

“Quando preciso dar uma palestra sobre Dhamma, não preparo nada de antemão. Não fico ansioso para dar uma palestra particularmente boa. Quando começo a falar, não sei de

15 A ocasião na qual os leigos oferecem tecido e outros requisitos úteis ao fim dos três meses do retiro de chuvas. Na tradição de Wat Pah Pong, os monges oferecem palestras de Dhamma que duram a noite toda, e o evento é um dos maiores do ano no mosteiro.

16 Dia de lua cheia em fevereiro, um feriado budista que comemora e expressa reverência à Sangha.

onde as palavras estão vindo. Elas vêm gradualmente, uma após a outra, num fluxo. Eu me sinto relaxado e não preocupado por estar dando uma palestra ou ensinamento formal.”

No dia de *Māgha Pūjā*, Luang Pó teve a sensação de que Luang Pu Chah o estava observando muito cuidadosamente, tanto suas palavras como seu comportamento.

“Luang Pu talvez achasse que eu estava me deixando levar demais – eu não sei. O que quer que o estivesse preocupando, eu certamente não pensei muito a respeito.”

Na estação chuvosa de 1972, foi pedido a Luang Pó que desse assistência a Tan Ajahn Sumedho no treinamento de um grupo de monges ocidentais (dentre eles, Tan Pabhakaro, Tan Santacitto, Tan Ānando e Tan Thiradhammo) que passava o retiro de chuvas em Wat Tamm Séng Phet, junto com outros monges tailandeses.

Após a *kathina*, Luang Pó retornou a Wat Pah Pong. Na estação chuvosa seguinte, ele foi a Wat Pah Khantithamm, na província de Sri Saket. Após o retiro de chuvas em 1973, ele partiu para uma caminhada de *tudong*¹⁷ com Ajahn Sumedho pelos montes de Na Chaluay, na província de Ubon. No dia 5 de dezembro, quando Luang Pu Chah recebeu o título honorário de “Phra Bodhinyāna Thera”, ele e Ajahn Sumedho ainda estavam vagando em busca de locais isolados para prática e não puderam participar das cerimônias em Wat Pah Pong.

“Naqueles dias, as trilhas no interior eram muito pequenas, mais ou menos da largura das pegadas de alguém. Ajahn Sumedho não era tão hábil em andar nessas trilhas. Estávamos andando havia alguns dias e seus pés ficavam sempre batendo nas raízes e vegetação rasteira da trilha, e por isso acabaram muito inchados. Mas ele não reclamava nem um pouco. Ele não dizia que doía. Estávamos andando através da floresta, que, à época, era ainda muito densa. Estávamos perto do fim do ano, por volta de dezembro, e o tempo estava muito frio.”

Quando estavam tentando achar bons lugares para dormir nas noites frias, os moradores rapidamente traziam a Ajahn Sumedho uma plataforma de madeira na qual ele pudesse dormir. Eles a carregavam desde suas casas para que ele pudesse ficar um pouco mais confortável, não tendo que dormir no chão. Quanto a Luang Pó Liem, ele optava por dormir no chão em um local baixo, abrigado do vento, numa cama de folhas com um lençol de isolamento especial americano que

17 Derivado da palavra em pāli “*dhutanga*”, mas, em tailandês coloquial, significa viajar a pé à procura de locais tranquilos para meditar.

Ajahn Sumedho lhe havia dado, o qual o abrigava da neblina úmida. Ele ficava bem confortável embaixo de seu *glot*¹⁸, enquanto o pobre Ajahn Sumedho enfrentava a noite fria na plataforma, onde o vento frio podia soprar por baixo dele. Naqueles dias, viajar pelo interior junto a um monge estrangeiro era algo especial, e os moradores eram muito solícitos onde quer que eles fossem. Eles saíam para dar comida em grande número, mas, por alguma razão, as pessoas daquela região achavam que os monges *tudong* comiam somente *khao niao*¹⁹ com gergelim.

Como os pés de Ajahn Sumedho não melhoravam, Luang Pó e ele finalmente tiveram que pegar uma carona de volta a Wat Pah Pong, onde ele poderia ver um médico. Eventualmente sua unha do pé teve de ser arrancada. Luang Pó comenta que ele sempre se impressionava com a resiliência de Ajahn Sumedho. Ele nunca reclamava.

No ano seguinte, após a reunião anual de todos os monges dos mosteiros filiados a Wat Pah Pong na época do *Māgha Pūjā*, Luang Pó Liem, junto com outros dois monges, pediu permissão para ir estudar as rotinas e práticas monásticas em alguns dos mosteiros de floresta mais conhecidos, incluindo alguns do secto *Dhammayut*²⁰. Ele andou todo o caminho até Chiang Mai, Nong Khai e finalmente entrou no Laos, ficando em Vientiane por uma semana. Então desceu até Bangkok, dormindo debaixo de uma ponte. Ao fim desta *tudong*, ele passou por Chachoengsao, Chonburi e Chantaburi, ficando com vários mestres famosos cada vez apenas por alguns dias antes de finalmente retornar a Ubon e Wat Pah Pong.

De volta a Ubon, alguns devotos leigos laotianos convidaram monges de Wat Pah Pong a abrir um mosteiro de floresta no estilo da crescente tradição de Luang Pu Chah em Vientiane. A questão foi discutida entre os monges sêniores da Sangha, e o convite foi aceito. Luang Pó foi designado para ser o abade do novo mosteiro fora do país. No dia 13 de maio, uma processão de dezesseis monges, um noviço e vinte e um leigos viajou de Ubon a Vientiane. Luang Pó e alguns monges

18 *Barraca de guarda-chuva utilizada por monges quando viajam; consiste em um guarda-chuva grande ao qual é preso um mosquiteiro leve.*

19 *Uma variedade de arroz.*

20 *A ordem Dhammayut fora estabelecida pelo rei Mongkut cerca de cem anos antes. Embora a maioria dos monges na Tailândia (inclusive os da Sangha de Wat Pah Pong) pertença à ordem Māhānikāya, muitos dos melhores mosteiros de floresta são Dhammayut.*

passaram a estação chuvosa de 1973 em Vientiane, mas logo foram forçados a voltar a Ubon por conta da perigosa situação política do Laos à época.

Do ano de 1973 em diante, Luang Pó sempre passou os retiros de chuvas em Wat Pah Pong. Luang Pu Chah transferia muitas tarefas no mosteiro a Luang Pó, especialmente o treinamento dos monges e noviços. Após a primeira visita de Luang Pu Chah ao exterior em 1977, sua saúde deteriorou, e foi pedido a Luang Pó que se tornasse oficialmente o abade substituto, dividindo responsabilidades com Luang Pó Chu Thitagunõ (presentemente abade de Wat Pah Bodhinyana), mas ele disse que ainda não estava pronto, embora, na prática, ele e Luang Pó Chu já eram responsáveis por cuidar do mosteiro e providenciar o cuidado médico para Luang Pu Chah. A saúde de Luang Pu Chah deteriorou drasticamente depois de uma cirurgia cerebral em 1981. Depois que Luang Pu Chah ficou em um hospital em Bangkok por cinco meses, Luang Pó o convidou de voltar a Wat Pah Pong. No mosteiro, a Sangha se revezava, cuidando dele constantemente na enfermaria que Luang Pó e os monges haviam construído com o apoio de doações do rei e da rainha da Tailândia. Em novembro daquele ano, Luang Pó foi nomeado oficialmente como o abade em exercício de Wat Pah Pong por Luang Pu Chah.

Luang Pó comentou sobre assumir as responsabilidades de abade em Wat Pah Pong:

“Após retornar de Vientiane, permaneci em Wat Pah Pong o tempo todo. Luang Pu Chah disse que eu deveria ajudar em Wat Pah Pong, e por isso nunca mais fui a lugar algum.

Eu não queria fazer mais que isso (ser vice-abade) porque era um monge novato. Além disso, não sou de Ubon, portanto pensava que não seria apropriado aceitar a posição de líder de Wat Pah Pong; mas se fosse útil para os demais, então o faria.

Por respeitar muito Luang Pu Chah, fiquei e trabalhei ao lado dele, ele queria que eu permanecesse aqui. Quando sugeriu que me tornasse vice-abade, respondi que não queria essa responsabilidade tão cedo, não me parecia apropriado, uma que vez haviam muitos monges que já faziam parte de Wat Pah Pong há mais tempo que eu e eram bastante capazes. Mas Luang Pu respondeu dizendo que deveríamos cumprir nossos deveres, ajudando uns aos outros com ensinamentos também beneficiamos o Buddha Sāsana como um todo. E assim venho me esforçando de todas as formas, e nunca com sentimentos ruins.

Faço esse trabalho com uma mente pura, com uma mente de amor e devoção ao Dhamma-Vinaya, e também aos outros. Tento ajudar com tudo que seja de benefício comum, mesmo

que seja difícil. Eu não tiro qualquer vantagem pessoal do trabalho. Coisas que beneficiam a comunidade precisam ser feitas.

Manter e renovar o mosteiro não é além de minhas habilidades. Eu posso fazê-lo facilmente, mas há algumas partes da função que são além das minhas capacidades. Às vezes, as pessoas que vêm ao mosteiro à procura de conselhos podem não ficar tão satisfeitas com a pessoa que encontram aqui porque não cultivo o hábito de tentar agradar as pessoas ou de elogiá-las. Meu caráter é do tipo que não tem gostos e desgostos. Eu não sigo o padrão de comportamento de ser simpático às pessoas, encorajando-as a gostar de mim. Prefiro permanecer afastado e reservado, sem ser particularmente próximo a ninguém. Acredito que não é necessário receber visitantes levando eles para passear pelo local e falando muito; apenas uma placa dizendo onde o banheiro e a água de beber estão deve bastar. Há água limpa para beber ou utilizar nos banheiros. Não temos que dar conselhos para ganhar a simpatia das pessoas da maneira que geralmente é feito em outros lugares. Fazê-lo pode ser uma causa para o acontecimento de incidentes feios em termos de Dhamma-Vinaya.

O Buddha ensinou que pedir coisas para leigos, os elogiar a fim de obter requisitos, fazer gestos para ganhar a simpatia deles – tudo isso é indigno de um samana, então tento não fazer essas coisas. Tentamos viver como samanas, tentamos ser pessoas que vivem em reclusão e em paz. Não nos opomos nem fazemos mal a ninguém, mas damos apoio de incontáveis maneiras sempre que podemos. Mesmo assim, se as pessoas gostam ou não, depende delas. Não podemos pressionar ninguém, como é geralmente o estilo do mundo. Não importa. Presumimos que não entendam. Se as pessoas realmente entendessem os princípios do Dhamma-Vinaya, considerariam o que estamos fazendo como algo muito natural.

Vir a Wat Pah Pong me parece algo verdadeiramente natural, pois sentimentos em relação ao mundo não surgem. Não há ninguém gerando preocupações para os demais. Estados mentais danosos, vieses e preconceitos não surgem porque não socializamos e não expressamos preferências para ganhar a simpatia das outras pessoas.

O próprio Buddha viveu assim. Se alguém realmente precisa de conselhos, ele nos abordará e perguntará, e nós respondemos de acordo. Isso é tudo que fazemos, em nome da correção, em nome do Dhamma-Vinaya, e a fim de não colocar nem nós nem os leigos em apuros. Ambos os lados se portam como praticantes do Dhamma. Nosso mosteiro é um mosteiro de prática. Tomamos os padrões do Buddha como diretrizes para a prática, para o benefício do sāsana²¹, da sociedade. Se isso é feito da maneira correta, ecoará nos sentimentos das

21 O ensinamento do Buddha, isto é, o budismo.

peessoas. Essa reverberação não tem som, mas ressoa nos corações daqueles que ‘entraram no Dhamma’. Eles experimentarão uma sensação de profundidade surgindo em seus corações, um estado de firmeza – não um grosseiro, mas uma sabedoria e discernimento que pode ser muito bem posta em uso.

São essas as diretrizes para o que estamos fazendo aqui em Wat Pah Pong, e, embora eu tenha sempre feito tudo de acordo com os padrões de Luang Pu Chah, às vezes pode haver limitações do meu lado. Há coisas que eu simplesmente não percebo, mas, se o faço, ajo imediatamente – se for de acordo com o Dhamma-Vinaya. Se não for, ou mesmo se for destruir o Dhamma-Vinaya, eu não o faço, porque tento conduzir minha vida em pureza absoluta. Não sei se tudo irá de acordo com essa aspiração, mas é assim que estou determinado a viver.

Luang Pu Chah tinha a visão de criar um local – Wat Nong Pah Pong – que é construído de uma maneira completamente pura. Em Wat Pah Pong, não pedimos, sugerimos ou instigamos doações, por exemplo. Fazemos as coisas em silêncio, sem saber nós mesmos o que esperar. Quando há intenções puras, respeito e amor pelo Dhamma-Vinaya profundos dessa forma, em adição ao bom carma e pāramī²² acumulados no passado, ajuda e suporte sempre tende a surgir, e se pode criar algo útil. Eventualmente, tanto o mundo quando o Dhamma se beneficiarão.

Se mantivermos esses padrões, o som reverberante ecoará por muito tempo, talvez por muitas vidas, centenas ou milhares de anos. Se não sustentarmos esses princípios, ele não continuará por muito tempo. Mantê-los por uma vida apenas já é muito difícil. Isso é o que penso de Wat Pah Pong, e tentarei estar à altura desses ideais.”

Nos dez anos até que Luang Pu Chah finalmente abrisse mão de seus *sankhāras* e falecesse, Luang Pó cuidou do mosteiro de muitas formas, tanto no treinamento dos monges como na manutenção das construções do mosteiro. Durante essa época, ele instalou um sistema hídrico capaz de atender as massas de visitantes que vinham prestar reverência a Luang Pu Chah. Ele também construiu um museu comemorativo para os pertences de Luang Pu Chah e reconstruiu um novo grande salão de Dhamma e refeitório. Esse salão e o refeitório eram urgentemente necessários para acomodar o crescente número de seguidores de Luang Pu Chah que vinham a Wat Nong Pah Pong tanto diariamente como em grandes ocasiões de festival ou retiros. As obras foram completas na noite de 15 de janeiro de 1992. No dia seguinte, 16 de janeiro, às 5h30 da manhã, Luang Pu Chah

22 Mérito acumulado ou potencial espiritual.

faleceu, e seu caixão foi posto no novo salão para que as pessoas prestassem suas reverências.

Luang Pó comenta sobre a atitude correta a respeito de realizar trabalho árduo na construção ou manutenção dos prédios do mosteiro:

“Se ainda pensamos de maneiras egoístas, nosso trabalho se torna muito cansativo. Similarmente, se estamos excessivamente ávidos ou apressados enquanto trabalhamos, tendemos a ficar ansiosos ou incomodados. Devemos, na verdade, abordar o trabalho pensando que ele é apenas uma mudança de postura de meditação que simplesmente envolve algum movimento. Apenas exercício para o corpo. Trabalho deve ser realizado com uma atitude ‘vazia’, apenas continuando a fazê-lo como ele se não tivesse nada de difícil ou pesado.”

No ano de 1992, a Sangha de Wat Pah Pong e Luang Pó realizaram a enorme tarefa de preparar a cerimônia real de cremação, inclusive o prédio do local de cremação, a estupa em homenagem a Luang Pu Chah. Mais de um milhão de pessoas compareceram ao funeral até seu encerramento, com mais de meio milhão de pessoas, incluindo Suas Majestades o Rei e a Rainha da Tailândia e o primeiro-ministro da Tailândia, visitando Wat Pah Pong no último dia.

Embora ele desejasse recusar a posição, Luang Pó foi oficialmente nomeado o novo abade de Wat Nong Pah Pong em 1994. Em 1996, ele foi autorizado pelas autoridades eclesiais tailandesas a atuar como upajjhāya e, desde então, ele frequentemente concede ordenações a noviços e monges em Wat Nong Pah Pong – tanto para monges de Wat Pah Pong como para alguns dos mais de duzentos mosteiros filiados, inclusive Wat Pah Nanachat, o mosteiro para ocidentais. Todo ano, na segunda semana de setembro, Luang Pó reúne seus discípulos para uma semana de treinamento em meditação e etiqueta monástica, o que ele julga ser sua tarefa enquanto upajjhāya. Ao invés de seu aniversário dia 5 de novembro, seus discípulos usam essa oportunidade para prestar reverência a Luang Pó.

Para a Sangha de Wat Pah Nanachat, Luang Pó sempre deu conselhos e encorajamento, mas, nos últimos anos, ele tem ajudado também os monges estrangeiros nos quinze mosteiros filiados em outros países, visitando-os. No ano de 1997, ele foi convidado para visitar o Bodhinyana Monastery em Perth, Austrália, e, em 1998, aceitou um convite do Bodhinyanarama Monastery, na Nova Zelândia. Em 1999, Tan Ajahn Sumedho convidou-o para comparecer à cerimônia de abertura do novo templo no Amaravati Monastery, perto de Hemel Hempstead,

na Inglaterra. Em 2000 e 2004, visitou o novo mosteiro filiado, Abhayagiri Monastery, na Califórnia, EUA, e, em 2004, foi a Melbourne, Austrália, como convidado do Buddha-Bodhivana Monastery. Também em 2004, Luang Pó teve a oportunidade de fazer uma peregrinação nos locais sagrados budistas da Índia.

Toda vez que Luang Pó aceita um convite para viajar ao exterior, ao retornar, ele gosta de compartilhar com os monges e leigos de Wat Pah Pong suas experiências e insights interessantes advindos de viver em uma cultura diferente. Luang Pó compartilhava suas observações sobre as diferenças de cultura, costumes e clima, sobre a vegetação, animais e pessoas no país que visitara. Ele falava à Sangha tailandesa sobre os monges e leigos budistas no exterior e a situação do budismo nos vários países, mas, acima de tudo, ele dava um resumo dos aspectos dos ensinamentos budistas que ele achara mais relevantes durante sua visita. Depois da estadia de Luang Pó na Austrália, por exemplo, ele compartilhou as seguintes reflexões:

“Indo ao exterior, sempre se encontra coisas que não são iguais a como são em nosso país, mas, ainda assim, onde quer que se vá, o corpo e os sankhāras das pessoas são similares. As pessoas na Austrália também aspiram a qualidades que levem a um caminho que as conduza a experiências úteis e significativas em suas vidas. Essa é a razão pela qual elas dão tanta importância aos princípios dos ensinamentos do Buddha. Então nós tivemos a oportunidade de trocar ideias e falar bastante sobre o Dhamma. Eu tentei falar de tal maneira que as pessoas entendessem que o Dhamma é um ensinamento aplicável à vida de cada um. Não importa de onde venham e sob quais circunstâncias vivam, há sempre uma maneira na qual o ensinamento diz respeito à sua situação. Porque não há nada de muito diferente em todos nós. Somos todos iguais, fora aqueles aspectos que são sujeitos às nossas ilusões, que são construídos em ditṭhi māna²³. Essas áreas nas quais somos arrogantes e cheios de presunção são as únicas exceções (ao fato de que todas as pessoas são iguais). Mas aqueles que não têm ditṭhi māna certamente têm a capacidade de entender a verdade sobre si mesmos. Embora possamos viver em ambientes diferentes ou em climas diversos, essa verdade é a mesma. Se nós, seres humanos, nos despíssemos de toda roupa e decoração dos nossos corpos, seríamos todos iguais. Não haveria necessidade de discriminar pessoas de acordo com esse ou aquele critério. Todos nós sabemos que todas as pessoas querem bondade e felicidade, todas elas. Ninguém quer coisas que tragam sofrimento e experiências tumultuosas.”

23 Pontos de vista e piniões que são baseadas em presunção, arrogância e orgulho.

A cada ano, no aniversário de Sua Majestade o Rei da Tailândia, alguns monges pelo país são laureados por suas qualidades pessoais extraordinárias e envolvimento meritório para o benefício do budismo e da sociedade como um todo. No dia 5 de dezembro de 2001, a Luang Pó Liem foi dado o título honorário eclesiástico de “Tan Chao Khun Visuddhisamvara Thera²⁴” por Sua Majestade o Rei da Tailândia. Todos os discípulos de Luang Pó ficaram muito orgulhosos e felizes com esse reconhecimento, então Luang Pó aproveitou a oportunidade para chamar-lhes à atenção, dizendo: *“Dar títulos honorários é uma expressão de louvor a boas qualidades na forma mundana das pessoas.”* Luang Pó ainda continua o mesmo Luang Pó.

24 *“Tan Chao Kun”* é um título eclesiástico. *“Visuddhi”* significa “pureza”, e carrega consigo conotações de autenticidade, completude e integridade, sendo outro epíteto de Nibbana. A tradução de *“samvara”* é “controle” ou “disciplina”. Pode se referir às qualidades mentais de não-fixação e desapego ou à sublime conduta da prática do Dhamma. *“Thera”* se refere a um monge sênior na Sangha.

GLOSSÁRIO

<i>Asubha</i> <i>Kammatṭhāna</i>	<i>Prática que consiste em usar o aspecto repugnante do corpo humano como objeto de meditação.</i>
<i>Bhikkhu</i>	<i>Monge budista.</i>
<i>Dhamma-Vinaya</i>	<i>O nome que o Buddha deu à sua “religião”. “Dhamma” se refere à verdade absoluta da realidade, os ensinamentos sobre essa realidade e a prática que leva a seu aprendizado. “Vinaya” se refere ao treinamento e disciplina observados pelo praticante budista.</i>
<i>Dhutanga</i>	<i>Renúncia austera, práticas ascéticas especiais que o Buddha permitiu.</i>
<i>Dukkha</i>	<i>Sufrimento, insatisfação, stress.</i>
<i>Kilesas</i>	<i>Contaminações, obscuridades ou emoções destrutivas. Suas várias formas são geralmente resumidas como cobiça, aversão e ilusão.</i>
<i>Luang Pó</i>	<i>Venerável Pai.</i>
<i>Luang Pu</i>	<i>Venerável Avô.</i>
<i>Nimittas</i>	<i>Literalmente, sinal, mas nesse caso se refere a imagens (ou sons, ou sensações) que às vezes surgem durante a prática de meditação.</i>
<i>Pāli</i>	<i>Idioma antigo no qual os ensinamentos budistas mais antigos estão registrados.</i>
<i>Retiro de Chuvas</i>	<i>O retiro de chuvas (vassa) é o foco do ano monástico. Aos monges não é permitido viajar por três meses, e eles tradicionalmente realizam práticas especiais, estudam e treinam mais intensivamente neste período.</i>
<i>Samana</i>	<i>Uma pessoa que renunciou à sociedade para viver uma vida dedicada</i>

	<i>ao desenvolvimento espiritual. Um recluso, um asceta.</i>
<i>Sankhāras</i>	<i>Fenômeno composto, sistema. Ex.: o corpo humano, o agregado mental, etc.</i>
<i>Sati</i>	<i>A capacidade de aplicar a mente a um objeto de meditação ou ao momento presente de forma contínua, presença mental.</i>
<i>Upajjhāya</i>	<i>O monge que preside a cerimônia de ordenação monástica.</i>
<i>Wat</i>	<i>Templo ou monastério budista.</i>